

AS OFICINAS TERAPÊUTICAS COMO INSTRUMENTO DE CUIDADO EM LIBERDADE: A PERSPECTIVA DO FAMILIAR

QUEVEDO, André Luis Alves de¹

KANTORSKI, Luciane Prado²

GUEDES, Ariane da Cruz³

BIELEMANN, Valquíria de Lourdes Machado⁴

BORGES, Luana Ribeiro⁵

Introdução: Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são unidades de atendimento aos portadores de sofrimento psíquico grave, constituindo-se em um modelo substitutivo àquele centrado no hospital psiquiátrico, caracterizado por internações de longa permanência e regime asilar. Os Centros de Atenção, ao contrário, permitem que os usuários permaneçam junto às suas famílias e comunidades¹. Suas diretrizes abrangem uma diversidade de métodos e técnicas terapêuticas nos vários níveis de complexidade assistencial, em outras palavras, são serviços comunitários que tem como papel cuidar de pessoas que sofrem com transtornos mentais, em especial os transtornos severos e persistentes, no seu território de abrangência^{2,3}. Nesse sentido, são serviços substitutivos estratégicos no processo de consolidação da reforma psiquiátrica⁴. Durante a participação no projeto de Avaliação dos CAPS da Região Sul do Brasil, na transcrição das entrevistas e limpeza do banco de dados do campo qualitativo do CAPS Nossa Casa de São Lou-

renço do Sul, identificou-se a existência de oficinas de reciclagem, associadas com a questão da reabilitação psicossocial. Estas oficinas vão ao encontro das diretrizes da Reforma Psiquiátrica no Brasil, que tem como meta desinstitucionalização e inclusão, integrando os portadores de sofrimento psíquico nos diferentes espaços da sociedade⁵. Resgatando-se historicamente a trajetória do CAPS Nossa Casa, tem-se ele como o segundo CAPS, reconhecido no Brasil e o primeiro no estado do Rio Grande do Sul, reiterando-se sua importância como campo de observação do presente estudo. Em agosto de 1992, quando o Rio Grande do Sul aprovava sua lei estadual de reforma psiquiátrica, a “Nossa Casa”, serviço de atenção diária em saúde mental de São Lourenço do Sul, já funcionava cuidando de portadores de transtornos psíquicos graves em regime aberto, desde agosto de 1988⁶. As oficinas inserem-se neste contexto em que se propõem cuidar de pessoas com transtornos psíquicos graves, em liberdade. A partir disso este trabalho tem

¹ Acadêmico de Enfermagem do 6º Semestre da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia (FEO)/UPel; Bolsista de Iniciação do CNPq;

² Enfermeira Doutora em Enfermagem (EERP/USP); Professora adjunta da FEO/UPel;

³ Enfermeira

⁴ Enfermeira Mestre em Enfermagem (UFSC); Professora adjunta da FEO/UPel;

⁵ Enfermeira

como **objetivo**, apresentar uma pré-análise das oficinas de reciclagem enquanto espaço terapêutico a partir de entrevistas com familiares de usuários do CAPS Nossa Casa. A **metodologia** empregada para esta análise baseia-se na abordagem qualitativa, tendo como instrumento entrevistas semi-estruturadas, realizadas com 12 familiares do CAPS Nossa Casa. A coleta de dados ocorreu nos meses de novembro e dezembro 2006, no CAPS Nossa Casa, na cidade de São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul. Foram utilizados 10 das 12 entrevistas de familiares, pois dois entrevistados não apresentaram falas condizentes com o foco do estudo. Os dados foram extraídos do banco de dados qualitativos da pesquisa de Avaliação dos CAPS da Região Sul do Brasil⁷, contando com a autorização prévia da coordenação do estudo. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, pelo ofício 074/2005. O material coletado no campo empírico foi interpretado a partir de uma relação entre os objetivos da oficina proposta e a literatura disponível sobre o tema. **Discussão:** Tornase relevante para esse trabalho a abordagem da temática “espaço terapêutico” ancorado à reabilitação psicossocial. O verdadeiro sentido desse espaço toma forma a partir do momento em que proporciona ao indivíduo o aumento do seu poder contratual, ou seja, a ampliação de suas redes sociais e o fortalecimento de sua autonomia, tornando-o um cidadão realmente inserido nos cenários de relações sociais. A contratualidade

do usuário vai estar determinada pela relação estabelecida pelos profissionais que o atendem, estes podem usar de seu poder para aumentar o poder do usuário ou não⁶. Num segundo momento abordamos o entretenimento. Entreter significa “*ter dentro, passar prazerosamente o tempo*”⁸. O usuário pode ser entretido com atividades recreativas e criativas, dentro dos diversos âmbitos da sociedade, inclusive nos CAPS. Podemos evidenciar isso nas observações a seguir dos familiares: *Eu acho bom porque ajudam eles, lá dentro. Eles aprendem alguma coisa, aí eles têm alguma coisa para se ocupar lá dentro.* (Familiar 8). Apontase que a quebra do entretenimento constitui a fonte que deve ser conhecida e governada, esta quebra necessita vir agregada de ações dotadas de maior eficácia transformadora da vida do indivíduo⁸. A partir disto, há falas em que os familiares ressaltam a importância destas mesmas oficinas, enquanto espaços de valorização das subjetividades, do trabalho e outras implicações que facilitem a formação de um espaço terapêutico acolhedor no serviço. *É trabalho, eu acho que é trabalho e assim como é que eu vou dizer, ajuda muito para não estar assim preocupado com outras coisas, então tem o serviço para fazer, tem aquilo para fazer, é uma atividade, para mim é uma atividade muito boa.* (Familiar 2). *Eu digo que cada trabalho tem o seu valor, às vezes podem achar pouco.* (Familiar 9). *Tudo isso é muito bom para mente dele, é bom.* (Familiar 11). Assim, se considerarmos a oficina de reciclagem como espaço terapêutico, pode-

mos inferir através de relatos dos familiares do presente estudo, que estas atendem seu objetivo terapêutico, fazendo que os usuários sintam-se valorizados através de suas produções, e também que, quando os mesmos participam de encontros e atividades de integração, fora do ambiente do CAPS, onde podem expor seus trabalhos, estes tenham a percepção do valor de suas atividades. **Conclusão:** Tendo em vista as reflexões acima podemos perceber que as oficinas de reciclagem do CAPS Nossa Casa encontram-se bem estruturadas, visto que suas ações terapêuticas contribuem para aceitação das diferenças, advindas dos transtornos mentais ao inserir socialmente seus usuários. Assim, as oficinas possibilitam o resgate do desejo pelo trabalho por parte de usuário, pois através da produção e livre expressão une saúde, convívio social, cultura e meio ambiente, promovendo então a saúde, qualidade de vida e inclusão possibilitando a transformação desse sujeito.

Palavras-chave: saúde mental; oficinas; família; reforma psiquiátrica

Referências

- 1 Silva ACZ. Centros de Atenção Psicossocial. In: Novas Experiências de Gestão Pública e Cidadania. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 296 p.
- 2 Brasil, Portal de Saúde Pública do Pará. [acesso em 14/08/2007]. Disponível em: <http://www.sespa.pa.gov.br/CAPS/caps.htm>
- 3 Brasil, Ministério da Saúde. Portaria/GM n. 336, de 19 de fevereiro de 2002. Define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial. Brasília, 2002.
- 4 Kantorski LP *et al.* Projeto de pesquisa de Avaliação dos Centros de Atenção Psicossocial da Região Sul do Brasil. Órgão Financiador CNPq, 2005. [acesso em 14/08/2007]. Disponível em: www.ufpel.edu.br/feo/capsul/capsul
- 5 Valladares ACA, Lappann-Botti NC, Mello R, Kantorski, LP, Scatena MCM. Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais.
- 6 Revista Eletrônica de Enfermagem. 2003;5(1):04-09. [acesso em 14/08/2007] Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/Revista>
- 7 Nunes JAB. Para além dos “muros” da Nossa Casa: a construção de uma história em movimento. PSICO, Porto Alegre, PU-CRS. 2005 set-dez;36(3):293-298.
- 8 Kinoshita RT. Contratualidade e reabilitação psicossocial. In: Pitta AMF (org). Reabilitação psicossocial no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 55-59.
- 9 CAPSUL – Avaliação dos CAPS da Região Sul do Brasil: Relatório/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Ministério da Saúde; Coordenação Kantorski LP – Pelotas, 2007. 437p.
- 10 Saraceno B. Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível. 2ed. Rio de Janeiro: Te Corá, 2001. 176 p.